

Editorial: A arte como lugar teológico

Editorial: Art as locus theologicus

Marcio Luiz Fernandes

Doutor

Faculdade Claretiana de Teologia | Pontifícia Universidade Católica do Paraná

marciovisconde@yahoo.com.br

ID Lattes: 3227207808620072

ORCID: 0000-0002-0944-1676

Jefferson Zeferino

Doutor

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Jefferson.zeferino@puc-campinas.edu.br

ID Lattes: 3365290019359083

ORCID: 0000-0002-5376-4587

A proposta do presente dossiê tem a finalidade de discutir a relação entre teologia e arte. Habitar este limiar, analisar os tópicos nesta fronteira, pode ser muito útil para compreender que, de um lado, a teologia precisa expandir sua forma de entender o seu próprio modo de fazer e explorar outras fontes para compreender os horizontes de sentido do ser humano contemporâneo e, por outro lado, as obras da criação humana – que incluem o mundo da vida em geral – não podem estar confinadas a uma análise rígida das formas estruturais e, portanto, fechado ao universo das redes intencionais de sua criação e à via de comunicação interpelante que provém da relação de quem cria a obra e aqueles que a recebem. De modo geral o que vemos é uma análise externa sobre o significado da obra do ponto de vista de suas características tanto estéticas quanto de composição. No entanto, o mais importante é determinado pela atenção ao fim específico a que uma obra de arte está destinada (seja ela: musical, pictórica, literária, mural, de vitrais e mosaicos). Tal realidade se desvela com uma atenção ao nível simbólico que a obra da criação humana carrega,

isto é, à sua capacidade de nos conduzir a uma realidade para além de si mesma.

Para o teólogo e crítico da arte Pavel Florenskij é exatamente este nível do discurso e da análise que permite uma aproximação entre teologia e arte uma vez que “a obra de arte é uma janela por meio da qual vemos uma certa realidade que não se identifica completamente com a própria realidade” (FLORENSKIJ, 2007, p. 252). É uma realidade sacramental. A obra de arte aparece como este canal, esta janela por meio da qual se pode ver o horizonte. A natureza da obra de arte é simbólica porque se apresenta como uma realidade que contém em si a energia de outra realidade. O artista inicia a obra de arte quando estabelece uma relação de diálogo contemplativo com o mundo externo e consegue determinar os confins do objeto contemplado esteticamente.

Se quisermos pensar em um dos modos com os quais o artista opera tal delimitação do espaço podemos lembrar do gesto de revestir com uma determinada moldura o retrato ou a pintura. O artista, tal como o cientista, diferencia-se porque desenvolve a capacidade de estabelecer linhas de separação para análise. A coisa mais importante na obra de arte, segundo Florenskij, é capacidade de saber delimitar, recortar e isolar uma determinada região (FLORENSKIJ, 2007, p. 299). Este gesto inaugura a possibilidade da verdadeira contemplação da obra e torna-se a garantia da habilidade do mestre. A compreensão da obra provém da composição e esta, por sua vez, pressupõe a determinação dos limites.

A perspectiva que se abre no diálogo entre a arte e a teologia é que estas constituem formas de compreensão profundas da vida. O caso que Florenskij nos ajuda a perceber é que a realidade e a matéria estão informadas pelo evento da salvação, ou seja, os acontecimentos na história podem ser narrados como expressões das marcas do mistério, da transcendência e evidenciar o primado do objeto transcendente e as formas de sua percepção sensível.

O número 122 da constituição *Sacrosanctum Concilium* do Vaticano II refere-se à dignidade das artes liberais como ação humana destinada a tocar nas fronteiras da beleza infinita. O verdadeiro, o bom e o belo – transcendentais da doutrina teológica da escolástica – são vistos na sua unidade quando o Concílio valoriza a criatividade humana nas obras de arte e diz serem elas um lugar privilegiado para promover a elevação do espírito humano no encontro com o Mistério.

Costumo dizer que há um esquecimento do esforço de rejuvenescimento e atualização promovidos pelos artistas cristãos no âmbito eclesial. A perda do pensamento simbólico, da sensibilidade estética, da beleza, da coerência moral é que nos leva a insistir na proposição de uma reflexão teológica que mostre a ligação entre o imaginário e os elementos estéticos que afloram na experiência religiosa do ser humano. Além disso, é preciso continuar a refletir sobre o papel do artista cristão como testemunha da fé e, portanto, sobre a coerência entre obra e vida do artista. A fecundidade extraordinária do Concílio e os seus primeiros frutos no campo da arte sacra, por exemplo, mostram como as sementes do Concílio desencadearam uma renovação na compreensão eclesial e pastoral da Igreja cujas repercussões estão expressas e impressas no espaço sagrado das capelas, das igrejas, das catedrais, das universidades, dos centros educativos e sociais idealizados pelos mais diferentes artistas.

O patrimônio artístico inspirado pela fé cristã, portanto, é um instrumento privilegiado para o anúncio do Evangelho e expressa de que modo o ser humano é chamado a participar do sentido da beleza, da bondade e do mistério presente na realidade. O documento *Via Pulchritudinis* do Pontifício Conselho para a Cultura do Vaticano traz sugestões pastorais interessantes nesta direção salientando a força atrativa e comunicativa da arte:

O grande poder da arte sacra de comunicar torna capaz de ultrapassar as barreiras e os filtros dos preconceitos para unir os corações dos homens e mulheres de outras culturas e religiões e,

ao seu modo, acolher a universalidade da mensagem de Cristo e do seu Evangelho (Pontifício Conselho da Cultura, 2005, p.43).

A arte inspirada pela fé torna-se um caminho de evangelização e de diálogo e coloca o fiel em contato vivo com o patrimônio e o carisma recebido do Concílio Vaticano II.

Se examinarmos, pois, a questão a partir do contexto da arte contemporânea, descobrimos que os artistas, que pretendem realizar uma arte cristã, situam-se dentro de uma longa cadeia interpretativa que examina e atualiza os textos dos diferentes autores bíblicos e tornam-se, por isso, “intérpretes de um fato inaugural que foi a revelação de Deus entre os seres humanos e que está oculto à vista” (COTTIN, 2008, p. 13). A relação com a teologia faz pensar sobre a função da arte no serviço da evangelização, mas também como um ato profético em estreita convergência com a natureza revolucionária própria do cristianismo. Segundo Cottin (2008) a arte cristã das origens levou em consideração a imagem de Jesus que anuncia a boa nova aos pobres e liberta os que estão prisioneiros, representando-o como sofredor, pobre e humilde. Isso significa que a iconografia cristã permeada pela radicalidade do Evangelho não é fruto da teologia recente, mas tem raízes profundas na história da arte cristã e revela a importância de discutir as questões entre teologia e arte.

A Revista *Studium* nasceu em 2007. Na ocasião da apresentação do primeiro número da revista impressa se esclarecia que ela seria um instrumento de divulgação da reflexão e produção literária de nossos professores, de alunos e demais membros da comunidade de teólogos. Além disso, o sonho era de que por meio dela fosse permitido contemplar a simplicidade e complexidade da teologia e do seu fazer em fidelidade à tradição e atenta aos sinais dos tempos. O desejo era o aprofundamento teológico como modo de um serviço inteligente à fé e pudesse oferecer um

mapa dos desafios para vivê-la de maneira mais plena na diversidade de lugares, culturas e tempos.

Em 2018, a Revista lançou seu último número impresso (v. 12, n. 21) e iniciou um processo de reestruturação de sua política editorial. Estudou-se, assim, sua passagem para a publicação em formato eletrônico, ao mesmo tempo em que se buscou uma adequação aos critérios de avaliação e classificação de periódicos na área de Ciências da Religião e Teologia (CAPES).

Neste percurso, identificou-se uma tendência na área para a assim chamada publicação avançada ou fluxo contínuo de publicação, algo que já era comum em revistas internacionais de alto fator de impacto, mas que, no país, é ainda bastante recente. Considerando tal modalidade como adequada ao fluxo de trabalho que se optou por implementar, a Revista *Studium*, a partir de 2023, retoma suas atividades de modo online e com fluxo contínuo de publicação.

Os textos, uma vez recebidos, passam pelo processo de dupla avaliação cega por pares (*Double Blind Peer Review*). Tão logo sejam aprovados, já são encaminhados para o processo final de editoração e consequente publicação. Ainda assim, manteve-se a decisão pela organização de dossiês, de tal modo que os artigos que vão sendo incorporados à seção temática são oferecidos ao público no desejo de contribuir com as discussões do campo no qual se inscrevem. Entre os ganhos desse formato está a agilidade e a dinamicidade do fluxo editorial, algo que não era possível quando o formato impresso era dominante.

Desse modo, entende-se que o debate acerca das seções temáticas se mantém vivo no decorrer do ano, desde a publicação de um editorial que introduz o debate até a publicação do último artigo que encerra o dossiê. Uma outra seção também ficará aberta por toda a vigência do volume, recebendo textos de temática livre, algo que coloca o periódico à serviço da comunidade acadêmica como um todo, sempre respeitando seu escopo

editorial. Além destas, uma seção para resenhas e outra para entrevistas podem ser acionadas de acordo com sua demanda.

Informa-se, ainda, que, seguindo o guia da Scielo para publicação contínua de artigos, adota-se o uso do *elocation-id* como identificador que substitui a paginação seriada, herança do formato impresso. Em cada volume, todo texto terá uma identificação única. Escolheu-se, aqui, o uso do código da submissão precedido pela letra ‘e’, elemento que deve compor a forma de referência dos artigos. A paginação permanece no interior de cada artigo e serve de base para citações.

Ausente de 2019 a 2022, anos duros para a ciência no Brasil, a Revista *Studium* retorna, buscando somar forças com o avanço dos estudos de religião, com especial atenção à compreensão do catolicismo em sua pluralidade e dinamismo.

Referências

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição sobre a Sagrada Liturgia Sacrosanctum Concilium*. 29^a ed. Petrópolis, 2000.

COTTIN, J. *La mystique de l'art. Art et christianisme de 1900 à nos jours*. Paris: Éditions du Cerf, 2008.

FLORENSKIJ, P. *Lo spazio e il tempo nell'arte*. 3^a ed., Milano: Adelphi, 2007.

PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA. *Via Pulchritudinis: o caminho da beleza*. São Paulo: Loyola, 2005.

SCIELO. *Guia para publicação contínua de artigos em periódicos indexados no SciELO*. Dezembro de 2019. Disponível em: https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/guia_pc.pdf. Acesso 31 mar. 2023.